



A Santa Sé

PAPA PAULO VI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 12 de Maio de 1971

O carácter religiosos da moralidade cristã

O Mistério Pascal, que celebrámos recentemente, é muito importante para a concepção da nossa vida e para o conseqüente comportamento moral da mesma. O carácter religioso da nossa moralidade é evidente. Se a norma fundamental da vida cristã é a proclamada por São Paulo: « o justo vive da fé » (*Rom 1, 17*), esta norma encontra a sua completa e característica aplicação precisamente onde a fé tem o seu ponto central, isto é, em Cristo e na Sua Ressurreição (cfr. *Rom 10, 9*).

Foi este o motivo por que a Igreja pôs nos nossos lábios a oração que exprime este modo lógico, unindo a ética e a religião: « Ó Deus... concedei aos vossos filhos devotos a graça de manifestarem constantemente nas suas vidas o mistério da ressurreição que eles receberam pela fé » (*Colecta da Terça-Feira de Páscoa*; cfr. Guéranger, *Le Temps Pascal*, 1, 33). Este princípio ético-religioso nunca deve ser esquecido: não podemos construir o homem bom, o homem verdadeiro, o cristão, sem integrar os princípios da honestidade natural com as doutrinas da fé sobrenatural.

O raciocínio linear procede deste modo. A celebração do Mistério Pascal não só nos trouxe novamente à memória o facto da morte e da ressurreição de Cristo, como espectadores, como contempladores, mas fez-nos, de certo modo, ainda incompleto, mas desde já real, vital e profundo, participar do grande acontecimento redentor, o qual se reflectiu sacramentalmente em nós que morremos e ressuscitámos misticamente com Ele. Voltemos a ler a nossa história: « Se, pois, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida

está escondida com Cristo em Deus ... Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, a lascívia, os maus desejos...» (*Col 3, 1-5*). É uma história nossa, em consequência da qual nos chamamos cristãos, que em parte já se realizou e, em parte, ainda está para se realizar. A transformação operada pela graça comporta uma lei moral própria. A participação no Mistério de Cristo exige e facilita a imitação de Cristo.

Concentramos a atenção sobre o aspecto característico de Cristo ressuscitado: a Sua viva e real corporalidade. O Seu verdadeiro corpo, nascido de Nossa Senhora (cfr. *Gál 4, 4*), readquiriu vida; ou melhor, uma nova forma de vida; « nova criatura » como Ihe chama o Apóstolo (*2 Cor 5, 17*); não um corpo sujeito às leis biológicas e animais, mas um corpo incorruptível, imortal, glorioso, sustentado e governado por leis espirituais superiores (cfr. *1 Cor 15, 42-44*). As aparições de Jesus ressuscitado demonstram claramente esta verdade. Esta transformação, esta transfiguração, esta entrada na glória (cfr. *1 Tim 3, 16*) do corpo humano do Senhor não tem significado para nós em relação à iniciada assimilação da nossa vida à Sua?

É claro que a vida corporal de Cristo, mesmo antes da ressurreição, era santíssima, imaculada, tinha o primigénio equilíbrio de todas as faculdades e de todas as paixões humanas (cfr. Santo Tomás, *Summa Theologiae*, III, q. 15, a. 4), que eram perfeitas, ou seja, não estavam corrompidas, como acontece na nossa natureza decaída, transmitida por Adão (cfr. *Id., ibid.* I, q. 95, a. 2 ad 2; q. 97, a. 2; I-II, q. 25). Mas também é claro que o corpo de Cristo, por meio da ressurreição, foi vivificado, de um modo novo, pela Sua alma e pelo Espírito Santo (cfr. *1 Ped 3, 18*), por quem foi concebido (cfr. *Mt 4, 1*). Podemos, então, repetir a pergunta: o que nos oferece e nos ensina esta divina alotropia, esta nova condição do corpo reanimado do Senhor?

A Igreja e os seus filhos fiéis sabem-no muito bem. A ressurreição do Senhor, que repercute em nós por meio da celebração do Mistério Pascal, oferece-nos e ensina-nos, ou melhor, exige de nós uma nova concepção, uma nova elevação, uma nova santificação do nosso corpo. Por outras palavras mais simples, exige de nós uma nova pureza. Sim, a Páscoa deve fazer-nos adquirir um novo sentido da dignidade da nossa carne, tão sensível e frágil, mas que é obra de Deus e templo do Espírito Santo (cfr. *1 Cor 5, 19*). A mentalidade corrente vê sempre nos preconceitos cristãos um desprezo pelo corpo humano, quase como se ele fosse apenas uma fonte de tentação e de pecados, de fome e de sofrimentos, de doença e de mortalidade. Por um lado é assim. Mas a referida mentalidade só vê um aspecto da realidade corporal do homem, da qual, precisamente, nasce o dualismo da nossa complicada psicologia, um dualismo perigoso e muitas vezes pecaminoso.

Ninguém, como São Paulo, o arauto da liberdade do cristão (cfr. *Gál 4, 31*), insistiu tanto sobre este ponto dramático da vida do homem: « a carne tem desejos contrários aos do espírito, e o espírito, aos da carne » (*Gál 5, 17*; cfr. *Rom 8, 1*; etc.). Internamente estamos sujeitos a uma tentação permanente. Temos contínua necessidade de recorrer à consciência da nossa dignidade de seres elevados ao convívio e à comunhão com Deus. Temos necessidade, portanto, que o

homem espiritual domine o homem animal (cfr. *1 Cor 2, 14*). Temos sempre que implorar ao Pai que nos preserve da tentação e que nos dê a força e a alegria da nossa transfiguração cristã. A nossa purificação física e espiritual, a nossa moralidade intransigente, mas humana, de espírito, de coração e de costumes devem-se basear em Cristo ressuscitado. O nosso corpo também foi remido n'Ele, tornando-se digno do mais elevado respeito e do mais solícito cuidado.

Abramos, mais uma vez, caríssimos filhos e todos vós que sois cristãos, a nossa consciência ao fenómeno da agressividade dos maus costumes, fenómeno este que nos circunda e pretende persuadir-nos que não há nada de mal na licenciosidade que hoje invade todos os sectores da vida: o modo de vestir, as leituras, os espectáculos, a educação e os costumes. Reflectamos sempre sobre a nossa vocação cristã, que, sujeitando a carne ao espírito, também prepara para os nossos decadentes membros corporais, sofredores e mortais, um óptimo destino, o de servirem dignamente esta nossa vida temporal, e, depois, serem destinados à plenitude da vida celeste. É esta a verdade que nos ensina o Mistério Pascal.

Damo-vos a nossa Bênção Apostólica.